



Os condomínios e o uso das margens do Lago Paranoá são duas questões que acendem uma enorme polêmica em torno do Lago Sul

Crescimento da vizinhança preocupa os moradores

Ordem para progredir

Arborizado, limpo, organizado e tranqüilo, o Lago Sul é um local de qualidade de vida invejável. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região é maior do que o registrado em alguns países desenvolvidos, como Noruega e Suécia. No entanto, assim como em outras partes do Distrito Federal, a área sofreu reflexos da expansão urbana e populacional, nem sempre ordenada, pela qual a cidade vem passando há alguns anos.

Invasões, condomínios e as conseqüências do crescimento habitacional acabaram refletindo na qualidade de vida do Lago Sul. Nada que preocupe ou incomode tanto, mas as mudanças foram percebidas por quem mora há muitos anos na região. O administrador Lago Sul, Paulo Zuba, explica que na poligonal do bairro existem somente quatro condomínios. "Os parcelamentos do Jardim Botânico e da DF-001 não ficam dentro do

Lago, embora muitas pessoas penssem que sim. Na verdade, existem apenas dois condomínios com edificações na nossa região administrativa, o Village Alvorada e o Condomínio do Lago Sul, que também estão em processo de regularização. Os outros dois, que ainda nem têm edificações, são o Parque das Andorinhas e o Mini-Chácaras", afirma.

De acordo com o administrador, uma das maiores conseqüên-

cias da recente ocupação urbana de áreas próximas ao Lago Sul foi o aumento do fluxo de veículos. Mas ele alerta também para uma outra questão. "Muitos ainda não percebem, mas sabemos que o meio ambiente está sendo penalizado, pois as novas áreas habitadas não contam com rede de água e esgoto. As casas precisam ter fossa séptica e a água vem de poços artesianos", lembra. No entanto, Zuba admite que os moradores do Lago

Sul não são unânimes em relação ao assunto. "Algumas pessoas são extremamente contra os condomínios por acharem que eles interferem na qualidade de vida local. Mas esta não é uma opinião generalizada. Existem também aqueles que não se manifestam ou ainda os que não têm nada contra", diz.

A neutralidade pode ter uma razão. O administrador acrescenta que muitos filhos de moradores do Lago Sul optaram por morar nos condomínios que fazem divisa com o bairro. "É uma oportunidade de moradia para quem quer residir aqui perto. O uso dos serviços e da infra-estrutura da nossa região é mais que natural", pondera.

O problema é que não são somente os condomínios de classe média que alteram de alguma forma a realidade do local. Zuba lembra que bem perto do Lago Sul fo-

ram criadas verdadeiras cidades, como São Sebastião e Itapoã. "Muitos moradores associam o aumento da violência a estes novos setores habitacionais de classe social menos favorecida. Não sabemos se esta constatação procede, mas é fato que não há emprego para todos estes novos habitantes. Por outro lado, tivemos um crescimento na oferta de mão-de-obra para o Lago Sul, que sempre teve problemas em relação a isso", conclui o administrador.

A titular da Prefeitura Comunitária do Lago Sul, Edlamar Batista Pereira, é a favor de que sejam regularizados tanto os condomínios já habitados dentro da poligonal do bairro como os do seu entorno. No entanto, de acordo com a prefeita, o poder público deve agir para impedir maior adensamento populacional do que o já

existente. "Esta tem sido nossa grande luta. Sabemos que o governo atual não tem permitido mais construções, mas os donos desses lotes fazem muita pressão", relata.

Para Edlamar, os habitantes do Lago Sul não desejam criar atrito e nem têm qualquer problema em conviver com os moradores de condomínios e cidades próximas, como São Sebastião, Itapoã e Paranoá. "Essas pessoas são bem vindas. Mas a situação está no limite, pois vale lembrar que estamos dentro de duas Áreas de Proteção Ambiental (APAs), a do Gama/Cabeça de Veado e a do Paranoá. É preciso preservá-las", destaca.

A prefeita acrescenta que a população dobrou em poucos anos e que os recursos naturais usados no dia-a-dia podem ser comprometidos. "O Lago Sul tem cerca 30 mil habitantes. Com as novas mora-

das, chegamos a uns 60 mil. É fundamental que se tenha uma política coordenada para não passarmos por problemas, inclusive de abastecimento de água", avalia.

Além das questões relativas a condomínios, outro assunto polêmico do Lago Sul são as invasões da orla. O Ministério Público do Distrito Federal exigiu recentemente o recuo de 30 metros. Mas, os moradores que têm casas nas quadras do lago (QLs) defendem o direito de utilizar as áreas sem causar danos às águas. Muitos argumentam que, se não fossem por eles, as margens do lago já estariam degradadas. O empresário e presidente da Associação de Amigos do Lago Paranoá (Alapa), Marcione de Souza, é um deles. "Em vez de deixar que fossem devastadas, transformamos estas áreas em jardins", diz.